



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA**  
**CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

**FRANCISCO RODOLFO XAVIER RAMALHO**

**CONCEITOS E PRÁTICAS DE UM EMERGENTE MODELO DE NEGÓCIOS: UMA  
REVISÃO DO MARCO TÉORICO DA ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO**

**JUAZEIRO DO NORTE**

**2017**

FRANCISCO RODOLFO XAVIER RAMALHO

CONCEITOS E PRÁTICAS DE UM EMERGENTE MODELO DE NEGÓCIOS: UMA  
REVISÃO DO MARCO TÉORICO DA ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para a obtenção do título de  
graduado em Administração pela Universidade  
Federal do Cariri.

Orientador: Prof. Dr. Jeová Torres Silva Junior

JUAZEIRO DO NORTE

2017

FRANCISCO RODOLFO XAVIER RAMALHO

CONCEITOS E PRÁTICAS DE UM EMERGENTE MODELO DE NEGÓCIOS: UMA  
REVISÃO DO MARCO TÉORICO DA ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para a obtenção do título de  
graduado em Administração pela Universidade  
Federal do Cariri.

Orientador: Prof. Dr. Jeová Torres Silva Junior

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Jeová Torres Silva Junior  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

---

Profa. Dra. Rebeca da Rocha Grangeiro  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

---

Profa. Me. Halana Adelino Brandão  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Dedico este trabalho àqueles que me permitiram estar: meus pais, os senhores Antônia Lucivanda e José Batista.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter me permitido chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais e minhas irmãs (Cléo e Ir. Angélica) por serem presentes em minha vida e por serem a minha base.

Agradeço a todos os meus amigos e a todos aqueles que ao longo da minha graduação passaram pela minha vida com a intenção de ajudar e construir algo positivo. Agradeço em especial ao meu amigo David por todos os momentos divididos comigo ao longo dos últimos anos.

Agradeço aos meus professores que tanto contribuíram com a minha formação, em especial, ao meu orientador Prof. Dr. Jeová Torres, por ter contribuído imensamente com a minha formação.

“A verdadeira viagem de descobrimento não  
consiste em procurar novas paisagens, mas  
em ter novos olhos”

(Marcel Proust)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal realizar uma revisão do marco teórico de um modelo de negócios que vem emergindo aceleradamente nesta segunda década do século XXI, a chamada economia do compartilhamento. Em se tratando de uma pesquisa bibliográfica, o método de construção do presente trabalho se deu a partir da delimitação dos termos-chave, das buscas de materiais relacionados a estes termos, da separação de documentos relevantes e, por fim, da revisão da literatura selecionada - em língua portuguesa, inglesa, francesa e espanhola - com fichamento e segregação dos termos que remetem relação à pesquisa. Tem-se então que a economia do compartilhamento pode ser considerada resultante da convergência de três revoluções distintas e conectadas, ao mesmo tempo: a revolução socioeconômica, a revolução sociotecnológica e a revolução socioambiental; além disto, pode-se destacar os potenciais impactos sociais gerados pela economia do compartilhamento a partir de quatro dimensões: econômica, ambiental, política e social. É por meio da análise destas quatro dimensões que ficam claros como a economia do compartilhamento poderá responder a necessidade de um futuro mais colaborativo e sustentável: através de práticas de suas iniciativas que geram renda, que estimulam o pensar e agir de forma a conservar os recursos do planeta e que criam um ambiente propício para a troca de experiências e de cooperação mútua.

Palavras-chaves: Estratégia de negócios. Economia do compartilhamento. Economia colaborativa.

## **ABSTRACT**

This work has as main objective to review the theoretical framework of a business model that has been emerging rapidly in the second decade of the 21<sup>st</sup> century, the so-called sharing economy. Being a bibliographical research, the method of construction of the present work was based on the delimitation of the key terms, the searches of materials related to these terms, the separation of relevant documents and, finally, the review of the selected literature – in Portuguese, English, French and Spanish - with registration and segregation of the terms that refer to the research. It is then understood that the sharing economy can be considered as the result of the convergence of three distinct and connected revolutions, occurred at the same time: the socioeconomic revolution, the sociotechnological revolution and the socio-environmental revolution; In addition, it is possible to highlight the potential social impacts generated by the sharing economy from four dimensions: economic, environmental, political and social. It is through the analysis of these four dimensions that it is clear how the sharing economy can respond to the need for a more collaborative and sustainable future: through practices of its initiatives that generate income, which stimulate thinking and acting in a way that conserves the resources of the planet and that create an environment conducive to the exchange of experiences and mutual cooperation.

Keywords: Business strategy. Sharing economy. Collaborative economy.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modalidades de práticas organizacionais da economia do compartilhamento.....	23
Figura 2 – Cartograma da engenhosidade coletiva.....	27

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Obras selecionadas na pesquisa bibliográfica para análises teóricas preliminares.....	17
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

INED – Institut National D'études Démographiques.

ONG – Organização Não-Governamental.

MMA – Ministério do Meio Ambiente.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

UNFPA – United Nations Population Fund.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 ESCOLHAS METODOLÓGICAS</b> .....	17
<b>3 A ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO: CAUSAS, CONTEXTOS E SIGNIFICADOS</b> .....	21
<b>3.1 O contexto da emergência da economia do compartilhamento</b> .....	24
<b>3.1.1 A economia do compartilhamento e a influência da revolução tecnológica</b> .....	30
<b>3.1.2 Crises do sistema capitalista e seus impactos para o surgimento da economia do compartilhamento</b> .....	33
<b>3.1.3 A economia do compartilhamento reforçada pela necessidade da sustentabilidade</b> .....	35
<b>3.2 A economia do compartilhamento: um conceito em formação</b> .....	37
<b>3.3 Os potenciais impactos sociais da economia do compartilhamento</b> .....	38
<b>3.3.1 Dimensão econômica: a geração de renda como fator redutor da desigualdade social</b> .....	39
<b>3.3.2 Dimensão ambiental: a sustentabilidade como condutor do desenvolvimento local</b> .....	41
<b>3.3.3 Dimensão política: o exercício da cidadania como indutor de uma sociedade mais consciente</b> .....	44
<b>3.3.4 Dimensão social: as relações sociais em rede como fator impulsor de uma sociedade mais colaborativa</b> .....	46
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49

## 1 INTRODUÇÃO

A evolução do pensamento capitalista tem levado a sociedade a constantes mudanças e adaptações uma vez que este é o sistema econômico que regula a forma de se fazer trocas comerciais. Mudanças estas que foram suscitadas a partir das crises do capital, que serviram para mostrar que o mundo ainda é separado por barreiras criadas pela lógica individual, privada e competitiva na qual se afunda o capitalismo. Para Piqueras (2015), o capitalismo encontra-se esgotado de tal forma que neste momento apresenta sinais de uma constante estagnação que o leva a um estágio crítico de vulnerabilidade a crises cada vez mais profundas.

De acordo com Rifkin (2014) a era do capitalismo, como conhecemos contemporaneamente, está passando por um forte ajuste de modelo econômico, político, organizacional e cultural dando lugar ao surgimento de uma economia híbrida, onde os bens e serviços colaborativos estão mudando nossa maneira de viver. Com percepção semelhante, Cantera e Vaquero (2012) afirmam que estamos passando por uma época marcada pelas maiores mudanças que a humanidade já viveu devido à globalidade com a qual tais alterações ocorrem. De acordo com os mesmos autores, desde meados dos anos 1990 novas realidades econômicas têm surgido impulsionadas pela conectividade, colaboração e inovação.

O modo de produção exploratório em que se sustenta o *modus operandi* da economia capitalista tem se utilizado de forma voraz dos recursos naturais do planeta sem permitir a reposição, recomposição ou a regeneração dos mesmos em uma velocidade similar. Conforme Garcia (2013, p.80) “o sistema capitalista é sustentado basicamente pelo constante aumento da produção econômica. Contudo, a base energética e material de sustentação desse modelo é limitada pela disponibilidade de recursos naturais como fonte de insumo [...]”. Neste sentido, o argumento usual da valoração do progresso e crescimento econômico como forma de justificar o modo de produção capitalista perde sua validade ao esbarrar na gestão pouco responsável dos recursos naturais.

Este é, provavelmente, um dos principais impulsos pela qual aguardava a economia do compartilhamento para emergir e tornar-se uma importante tendência como

modelo econômico de negócios a partir destes primeiros anos do século XXI. Unem-se à necessidade de uma sociedade mais sustentável como fatores que propiciaram o surgimento da economia do compartilhamento, a disseminação do uso da internet e as crises do sistema capitalista tradicional.

Neste sentido, Béchaux (2014) compreende que a economia colaborativa, compartilhada ou do compartilhamento, não é um fenômeno completamente novo. Na verdade, o que há de novo é a transformação de antigas formas de trocas de bens e serviços em um modelo econômico orgânico. As práticas de compartilhamento podem ser observadas desde muito tempo por meio do empréstimo de máquinas de ferramentas aos vizinhos, aluguel do carro por alguns dias a um amigo próximo ou familiar, repasse de roupas usadas que já não lhe serão mais úteis em troca de outros bens etc. Sendo assim, a proposta da economia do compartilhamento é a criação de um modelo econômico em que o compartilhamento e a utilização de bens e serviços se sobreponham às formas de trocas adotadas e utilizadas até hoje pelo capitalismo tradicional. Por sua vez, a lógica do modelo capitalista de negócios a partir de agora terá que interagir e se integrar mais intensamente às relações econômicas grupais, cooperativas, colaborativas e compartilhadas na construção de um futuro mais sustentável e colaborativo.

Diante disso, **em se tratando de um modelo econômico orgânico em formação, a pergunta de partida que motiva esta pesquisa é como a economia do compartilhamento poderá responder à necessidade de um futuro mais colaborativo e sustentável?** Tal questionamento emerge a partir das inevitáveis mudanças pelas quais o planeta deverá passar nas próximas décadas a fim de construir um presente que atenda às necessidades das populações viventes sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades (SACHS, 1993).

A necessidade de esforço conjunto de todos os povos na intenção de firmar um compromisso com um futuro mais sustentável é corroborado pelo texto da Carta da Terra segundo a qual

para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos

direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura de paz (Carta da Terra, 2002).

Assim, um modelo econômico mais sustentável será capaz de responder questionamentos e satisfazer as necessidades das próximas gerações mais conectadas, mais atentas à visão futura e mais ávidas por maior qualidade de vida, por trocas comerciais mais justas, sustentáveis e colaborativas e por maior comodidade e praticidade. Desta forma, o objetivo do presente trabalho é compreender os significados, as causas e efeitos potências da economia do compartilhamento, uma nova perspectiva de regulação de práticas organizacionais e econômicas que se propõe edificadora de um futuro mais colaborativo e sustentável. Atentando, para isto, aos seguintes objetivos específicos:

- 1) Evidenciar as causas da economia do compartilhamento;
- 2) Analisar as características que permitam construir um conceito para a economia do compartilhamento;
- 3) Examinar em uma perspectiva reflexiva os impactos da economia do compartilhamento.

Partimos do pressuposto de que a economia do compartilhamento, assumindo todas as suas formas, será capaz de moldar um capitalismo mais colaborativo e sustentável por meio de relações grupais, do compartilhamento das coisas e da ascensão da colaboração em detrimento do individualismo, do modelo de competição e das relações de consumo esgotadas impostas pelo capitalismo tradicional. Como disciplina que estuda tais relações de consumo, de trabalho e sociais, a economia, e mais especificamente a economia do compartilhamento, devem ser assimiladas e analisadas a fundo para a melhor compreensão dos fatores geradores de um novo fenômeno econômico.

Na busca de tal compreensão Capra (2006, p.182) afirma que “a economia é definida como a disciplina que se ocupa da produção, da distribuição e do consumo de riquezas”. Logo, para se estudar o que é valioso em determinado momento é necessário estudar economia. Muito mais do que estudar dinheiro, ou somente trocas comerciais, o estudo da economia contribui com o despertar da compreensão de um novo modo de

olhar para a sociedade. Ainda conforme Capra (2006) o estudo de modelos econômicos deve lidar com o sistema de valores subjacentes e reconhecer sua relação com o contexto cultural. Desta forma, faz-se fundamental o estudo da economia do compartilhamento como forma de identificar as mudanças de comportamento da sociedade atual e das expectativas desta para o futuro. Além disso, sendo uma área de estudo ainda pouco pesquisada, sobretudo no Brasil onde há uma carência por publicações científicas, o presente trabalho trará uma contribuição no sentido de melhor conceituar a economia do compartilhamento e todos os “conceitos” a ela inerentes e de fazer um apanhado de autores das línguas portuguesa, inglesa, francesa e espanhola acerca do tema.



## 2 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

O presente trabalho busca responder ao problema de pesquisa apresentado na seção anterior por meio de pesquisa bibliográfica. Desta forma, o processo de pesquisa se deu a partir da construção do marco teórico sobre o tema em questão, a economia do compartilhamento. Tal construção se deu a partir da realização de quatro etapas:

i. Delimitação de termos-chave ligados ao tema central do artigo, a economia do compartilhamento e aos subtemas que foram expostos no desenvolvimento do texto (economia colaborativa, sustentabilidade crise do capitalismo, revolução digital, redes e tecnologia da informação, conectividade e cooperação);

ii. Investigação sobre os materiais relacionados a estes termos. As buscas foram feitas online em sítios da internet através de *softwares* de busca *online*, de periódicos científicos das ciências sociais, mais especificamente da Revista de Administração Contemporânea, da Revista de Administração de Empresas, da Cadernos Ebape e da *Brazilian Administration Review*. Além disto, foram consultadas páginas da *web*, já conhecidas pelos autores deste trabalho, por publicarem com frequência indeterminada matérias acerca da economia do compartilhamento, como *shareable.net*, *theconversation.com* e *tendencias21.net*. A partir disto, foram encontrados livros, revistas, artigos, relatórios técnicos e *working papers* abordando as temáticas propostas. Foram catalogados 41 documentos em língua portuguesa, inglesa, espanhola e francesa resultantes das buscas realizadas e tendo como base as as palavras-chave acima descritas;

iii. Separação dos documentos caracterizados como os mais relevantes para o presente texto, a partir do qual chegou-se às 23 obras expostas no quadro 1; e

**Quadro 1.** Obras selecionadas na pesquisa bibliográfica para análises teóricas preliminares

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Obras</b>	<b>Tipo</b>
BARBOSA, L.; CAMPBELL, C.	2006	Cultura, consumo e identidade.	Livro.
BAUMAN, Z.	2008	Vida para consumo.	Livro.
BÉCHAUX, S.	2014	Le partage, c'est aussi du business.	Artigo de revista.

BOTTOMORE, T.	2012	Dicionário do pensamento Marxista.	Livro.
CANTERA, J.; VAQUERO, P.	2012	Networknomics: um nuevo paradigma de creación de valo em la economia de la creatividad, la conectividade y la colaboración.	Livro.
CAPRA, F.	2006	O ponto de mutação.	Livro.
CASTELLS, M.	2014	The impact of the Internet on Society: A Global Perspective.	Documento da Internet.
FOSTER, E.	2015	Novas mídias e relações sociais.	Documento da Internet.
GANSKY, L.	2010	The mash: why the future of business is sharing.	Livro.
GARCIA, J. R.	2013	Um “novo” modelo para a economia brasileira.	Artigo de periódico acadêmico.
MAURER, A. M. <i>et alli</i>	2012	Yes, we also can! O desenvolvimento de iniciativas de consumo colaborativo no Brasil.	Artigo de periódico acadêmico.
MILARÉ, E.	2015	Direito do ambiente: doutrina, jurisprudência, glossário.	Livro.
MONT, O.	2004	Institutionalisation of sustainable: consumption patterns based on shared use.	Documento da Internet.
MORLIGHEM, A.	2014	Économie collaborative: le nouvel art des co.	Livro.
OWYANG, J. <i>et alli</i>	2013	The collaborative economy: products, services, and market relationships have changed as sharing startups impact business models.	Documento da Internet.
OWYANG, J.; SAMUEL, A.	2015	The new rules of the collaborative economy.	Documento da Internet.
PINHEIRO MOTA, V.L.	2012	Fab Labs e inovação: contributo de boas práticas em casos holandeses.	Dissertação de mestrado.
PIQUERAS, A.	2015	Capitalismo mutante: crisis y lucha social em um sistema em degeneración.	Livro.
RECUERO, R.	2009	Redes sociais na Internet.	Livro.
RIFKIN, J.	2014	The zero marginal cost society: The Internet of things, the collaborative commons, and the eclipse of capitalism.	Livro.
ROCHA, I.B.M.	2013	O impacto do consumo nas relações sociais: uma análise do consumo como ferramenta de geração de desigualdades.	Documento da Internet.
SACHS, I.	1993	Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente.	Livro.
TAPSCOTT, D.; WILLIAMS, A. D.	2006	Wikinomics: how mass collaboration changes everything.	Livro.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2016)

iv. Revisão da literatura selecionada com fichamento e segregação dos trechos mais destacados que remetem relação a pesquisa dentre os documentos analisados.

Por fim, importa destacar que o presente trabalho está estruturado em quatro seções: 1. Esta introdução na qual é apresentada o propósito deste trabalho e uma breve caracterização da economia do compartilhamento; 2. Em seguida, as escolhas metodológicas; 3. A economia do compartilhamento: causas, contextos e significados, na qual será encontrada a investigação das causas da economia do compartilhamento, a formação do conceito pelos autores da mesma e os prováveis impactos de suas práticas cujos desdobramentos ficarão mais claros no decorrer do trabalho; 4. As considerações finais, contendo os principais desafios da economia do compartilhamento e os encaminhamentos finais desta pesquisa.



### **3 A ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO: CAUSAS, CONTEXTOS E SIGNIFICADOS**

Para Gansky (2011) um novo modelo está criando raízes e crescendo, no qual os consumidores têm mais escolhas, mais ferramentas, mais informações e mais poder para guiar àquelas escolhas. Para a mesma autora, estamos reconsiderando nosso relacionamento com as coisas em nossas vidas e por isso precisamos de um modelo para conseguir o que realmente queremos a um custo menor, tanto pessoal como ambiental. A economia do compartilhamento pode ser apontada, neste momento, como a representação desta evolução econômica resultante de um ensaio do anseio de mudança de valores da sociedade.

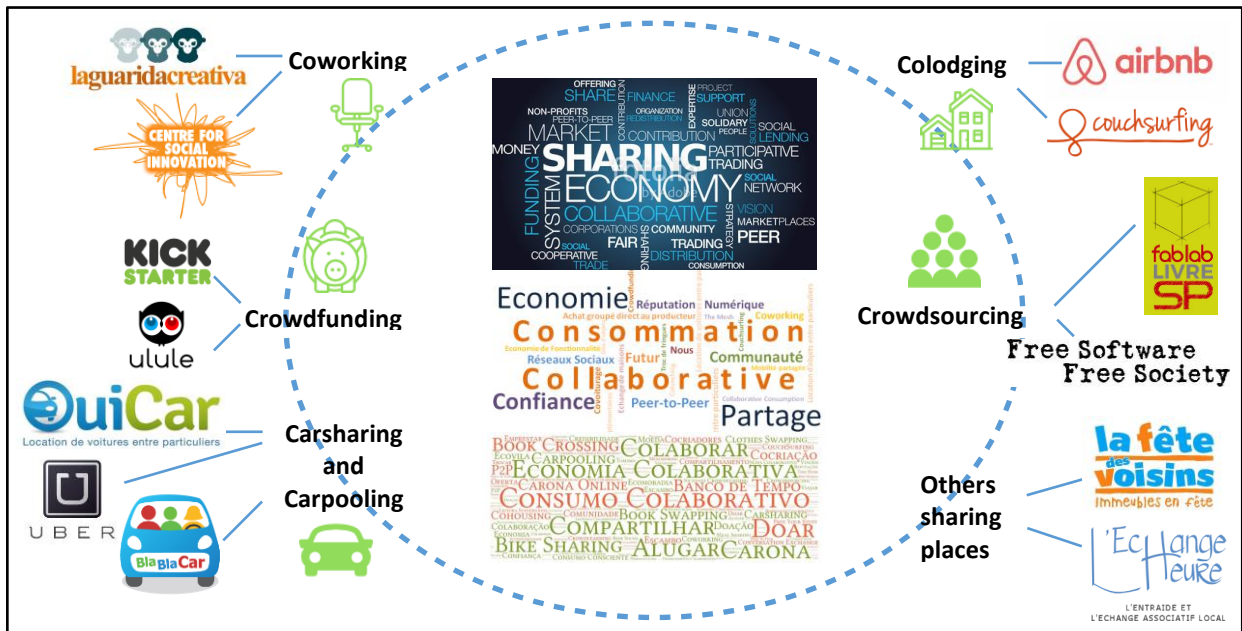
Exemplo disto são os impactos que já podem ser observados gerados a partir das novas formas de consumir das gerações mais jovens. Segundo Rifkin (2016) o novo caráter de compartilhamento já está começando a causar impactos positivos sobre a natureza a partir da mudança de hábitos de consumo, pois as gerações mais jovens dão prioridade a redes distributivas, colaborativas, entre pares; menos materialista e mais sustentável, menos oportunista e mais empática. A população mundial, segundo INED (2015) estava em 7,25 bilhões de habitantes, em 2014. Deste total, 24,8 % ou, aproximadamente, 1,8 bilhão de habitantes são classificadas como jovens pelo UNFPA (2014). Considerando este percentual de jovens em relação a população total do planeta e a argumentação de Rifkin (2016) quanto aos casos de efetiva atuação e escolhas dos jovens do mundo por uma postura mais ética e saudável, parece que o caminho futuro para os negócios da economia do compartilhamento pode ser cercado de boas expectativas, sobretudo se confrontadas a fragilidade que os modelos econômicos e de negócios dominantes oferecem.

Outros números significativos acerca da economia do compartilhamento podem ser observados também nos impactos que a mesma tem causado no mercado de trabalho. Segundo De Groen e Maselli (2016) a quantidade da soma de trabalhadores, de meio período, temporários e trabalhadores independentes, com idade compreendida entre 15 aos 64 anos, na União Europeia entre 2006 e 2014 aumentou em 2%. Segundo

o mesmo relatório, quando são levados em consideração somente pessoas com idade igual ou inferior a 25 anos a quantidade de trabalhadores de meio período, temporários ou independentes sobe para 49,8% em 2014. O aumento na quantidade de trabalhadores com horário flexíveis, como os das categorias anteriormente citadas, é reflexo da necessidade das novas gerações de conectividade e colaboração. Exemplo disto é que, de acordo com Harris e Krueger (2015) cerca de 6 milhões de pessoas trabalham com a economia do compartilhamento nos Estados Unidos.

Exemplos de práticas de iniciativas da economia do compartilhamento ao redor do mundo são diversas. Eis alguns deles (expostos de forma sintética na **figura 1**): a) *Carpooling*: uso compartilhado de um automóvel particular pelo seu proprietário e uma ou mais pessoas, oferecido por aplicativos como o BlaBlaCar e o Uber; b) *Carsharing*: modalidade de aluguel de veículos de particulares por períodos curtos de tempo para pessoas que têm necessidade eventual de utilização de automóveis, o que vem sendo prestado pela OuiCar e pela Zipcar; c) *Colodging*: modalidade de compartilhamento que permite aos indivíduos alugarem toda ou parte de sua própria habitação como uma forma de gerar ambientes para hospedagem, como o serviço oferecido no *Couchsurfing* e no Airbnb; d) *Coworking*: modalidade de trabalho que faz uso do compartilhamento de espaço, equipamentos e outros recursos de escritório, como os oferecidos nos *Centre for Social Innovation* e no *La Guarida Creativa*; e) *Crowdsourcing*: ambiente físico ou virtual de produção que utiliza a inteligência e os conhecimentos coletivos e voluntários, para criar produtos, conteúdos e/ou gerar fluxo de informação, como o que acontece nos espaços físicos das *FabLabs* ou nas Comunidades Virtuais de Produção de *Softwares Livres.*; e f) *Crowdfunding*: captação de recursos financeiros, por meio de plataformas de internet, para financiamento colaborativo de projetos, produtos e serviços com ou sem fins lucrativos, como os disponíveis no Kickstarter.

Figura 1. Modalidades de práticas organizacionais da economia do compartilhamento



Fonte: Silva Júnior, Rigo e Ramalho (2016, p. 2)

Aqui estão apresentadas apenas algumas das modalidades do que representa a economia do compartilhamento em sua dimensão mundial e de alcance financeiro. Os exemplos não faltam da rápida popularização destas modalidades de trocas de bens e serviços ao redor do mundo, como é percebido pelo grande crescimento e apelo das companhias norte-americanas Uber e Airbnb. O Airbnb é uma plataforma de disponibilização de casas e apartamentos por seus próprios moradores como uma alternativa mais barata aos hotéis tradicionais. O Airbnb teve um faturamento global de US\$ 900,0 Mi em 2015 e está cotada em US\$ 25,0 Bi de valor de mercado (REMUS, 2015). De modo semelhante ao Airbnb, o Uber não tem ativos físicos, sendo este "apenas" um intermediário por meio de um aplicativo da oferta e da demanda por transporte urbano. Presente em 64 países, o Uber tem atualmente seu valor de mercado em US\$ 51 bilhões e projeta um faturamento mundial de US\$ 2,0 Bi em 2016 (MYERS, 2015).

Enfim, a economia do compartilhamento já demonstra sua presença global em negócios estabelecidos no mundo inteiro. Na China, o Didi Kuaidi presta um serviço similar ao Uber e, em 2015, registrou 1,4 bilhões de serviços prestado só no país, o que é mais do que o Uber prestou em todo o mundo. Também na China, o Tujia, plataforma

semelhante ao Airbnb, ganha cada vez mais adeptos; As plataformas de serviços Smove que compartilha somente veículos elétricos já é um sucesso em Cingapura e a japonesa Kitchiike que possibilita degustar pratos da culinária de outros países sem sair do Japão, vem se destacando pelo seu singular serviço; Na França, a La Ruche Qui Dit Oui! possibilita identificar e obter alimentos para o consumo produzidos localmente, o que fortalece e dinamiza os circuitos curtos da economia. A quantidade de aderentes cresceu tanto que foram criadas redes similares em outros países da Europa como ¡La Colmena Que Dice Sí! na Espanha. Finalmente, no Brasil, é possível financiar projetos de forma coletiva por meio de uma plataforma de *crowdfunding* que já tem o reconhecimento nacional, o Catarse - a versão nacional do Kickstarter.

Além de todos estes, não podem ser deixados de lado exemplos de práticas que se dão utilizando somente redes físicas como feiras, clubes de troca e de empréstimos, organizações da economia criativa, empreendimentos coletivos, associações e cooperativas, onde a economia do compartilhamento pode se dar por meio do uso comum de matérias-primas, do local de trabalho compartilhado e das ferramentas utilizadas para produção, da divisão de ganhos, etc.

Dito isto, espera-se que este trabalho contribua, no contexto acadêmico, para o aprofundamento do conhecimento sobre a economia do compartilhamento e como a mesma vêm atuando na realidade das cidades a serem pesquisadas; e no âmbito social, este trabalho será útil para as pessoas que desejam se aprofundar no estudo da temática da economia do compartilhamento, além de servir para que órgãos governamentais possam traçar políticas de apoio a esta nova modalidade de economia que começa a se destacar no Brasil e para que os governos municipais das cidades pesquisadas possam atentar para o grande potencial de geração de renda que poderá ser fomentado a partir deste momento.

### **3.1 O contexto da emergência da economia do compartilhamento**

Segundo Bottomore (2002) o capitalismo mudou e tem mudado de forma a incorporar diversas conquistas e alterações sociais pelas quais passaram o mundo nos últimos três séculos, como a criação da máquina a vapor, da eletricidade e do computador



até as lutas políticas e sociais. Tal ideia de constante evolução é reiterada por Rifkin (2014) ao afirmar que o capitalismo está inevitavelmente passando. De acordo com o mesmo autor, a sociedade atual está vivendo um momento de economia híbrida, parte capitalista e parte colaborativa. Uma nova economia que compartilha contradições e sinergias adicionando valor uma a outra.

Tapscott e Williams (2006) reiteram tais afirmações ao exporem que mudanças profundas estão fazendo emergir novos e poderosos modelos de produção baseados em comunidade, colaboração e auto-organização, e não mais em hierarquia e controle. Para os mesmos autores, devido às profundas mudanças estamos entrando em uma nova era na qual as pessoas participam da economia como nunca antes, mudando a maneira como bens e serviços são inventados, produzidos, comercializados e distribuídos.

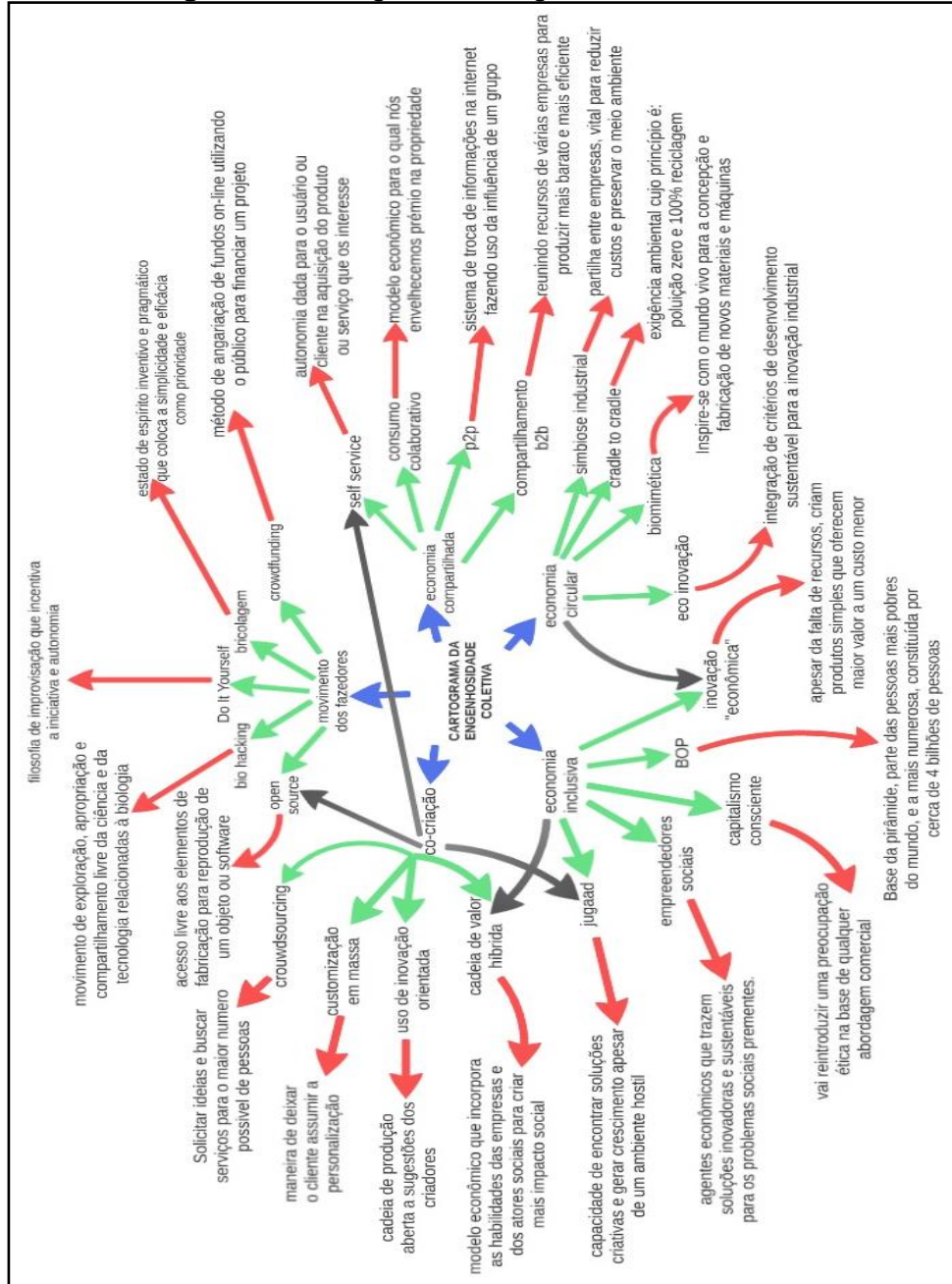
Nesta nova perspectiva, as relações grupais, cooperativas e compartilhadas são algumas das principais características do que vem emergindo sob o signo economia do compartilhamento, ou economia compartilhada, ou ainda economia colaborativa. De fato, em razão de ser uma temática em construção teórica não há um consenso sobre a apelação definitiva tanto no Brasil quanto em outros países nos quais a discussão já está mais madura. Por exemplo, na França adotam *Économie du Partage* (Economia do compartilhamento) - como Novel (2013, p.10,19-33) e *Économie collaborative* (Economia colaborativa), conforme Morlighem (2014, p.36,179); nos EUA tratam por *Share economy* (Economia compartilhada) como Fournier et alli (2013, p.1-2,4), *Sharing Economy* (Economia do compartilhamento) - conforme Moatti (2015, p.1-2) - e *Collaborative Economy* (Economia colaborativa), como em Owyang *et al* (2013, p.3-4). Destarte, para efeito do presente trabalho, utilizaremos a expressão Economia do Compartilhamento com a finalidade de fazer referência a este modelo que vem ganhando força nos últimos anos como uma nova tendência de se efetuar trocas comerciais e relações de trabalho.

A Economia do compartilhamento, para Owyang *et al* (2013, p.9-13), se funda nas trocas de bens e serviços de pessoas para pessoas, e não mais de empresas para clientes. Isto está redefinindo as relações entre vendedores e compradores, expandindo modelos de transação e consumo e impactando nos modelos de negócios. Na economia do compartilhamento, propriedade e acesso são distribuídos entre todos. Isto resulta em

um mercado em crescimento que comporta novos produtos, novos serviços, novas formas de consumo e interação e crescimento, motivado pelas atividades coletivas do qual a economia do compartilhamento faz parte.

Tais atividades coletivas se constituem em uma ampla gama dos mais diversos tipos de iniciativas que têm na criatividade e na colaboração os princípios chave para seu desenvolvimento. Conforme apresentado pela figura 2, a economia do compartilhamento se une a economia circular, a economia inclusiva, a co-criação e ao movimento dos fazedores como os cinco maiores exemplos da “engenhosidade coletiva” (WAVE, 2014). Cada um deles se dividem ainda em várias outras formas de atividades que fazem parte destes fenômenos que estão revolucionando as relações de consumo e interação das pessoas na sociedade atual.

**Figura 2 – Cartograma da engenhosidade coletiva.**



**Fonte:** Traduzido e Adaptado de WAVE (2014).

Segundo Gansky (2010), nós estamos passando de um mundo onde a propriedade intelectual privada era algo que aspirávamos para um mundo onde o acesso a bens, serviços compartilhados e talentos triunfa sobre isto. Tapscott e Williams (2006) acreditam que tais mudanças estão abrindo caminho em direção a um mundo no qual conhecimento, poder e capacidade produtiva estarão mais dispersos do que em qualquer

outro período da história – um mundo no qual a criação de valor será rápida e fluida. Para os mesmos autores, apenas os conectados sobreviverão a este futuro de mudanças. Tal visão é reiterada por Cantera e Vaquero (2012) ao afirmarem que a adaptação a um mundo em rede, conectado, colaborativo e criativo não é uma opção, mas uma questão de sobrevivência”.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Gansky (2011) afirma que a economia colaborativa é exatamente do que precisamos para enfrentar o tamanho, a escala e a urgência dos problemas do nosso planeta. A autora cita, por exemplo, que as mudanças climáticas, a necessidade de sustentabilidade, habitação, transporte sustentável e educação exigem soluções urgentes. Seria precipitado afirmar que a economia do compartilhamento poderá ser a solução para todos estes problemas, entretanto, esta pode se constituir em uma ferramenta de transformação e de auxílio na solução das problemáticas acima citadas. Para Tapscott e Williams (2006) as mudanças pelas quais o mundo está passando e deverá passar nos próximos anos deverão ser tamanhas que somente daqui a vinte anos poderemos entender que, neste momento, estamos entrando em uma nova era baseada em novos princípios, visões de mundo e modelos de negócios, nos quais a natureza do jogo foi modificada.

Ainda de acordo com Tapscott e Williams (2006), a nova promessa da colaboração é a de que possamos explorar a capacidade, a engenhosidade e a inteligência humana com mais eficiência e eficácia do que qualquer outra coisa que já presenciamos. Apesar de parecer uma difícil tarefa, os autores afirmam que o conhecimento, a competência e os recursos coletivos reunidos podem ser mobilizados para realizar muito mais do que uma empresa agindo sozinha seria capaz.

Conforme Morlighem (2014), a economia do compartilhamento por trás destes novo modelo de negócios está inserida num momento temporal de mudança de paradigma. Este novo paradigma introduz uma sociedade conectada, uma mentalidade interativa, uma mobilização que se expressa pela colaboração e na busca de um modelo econômico que possa responder às demandas desta sociedade. De acordo com Tapscott e Williams (2006) bilhões de indivíduos conectados podem agora participar ativamente da inovação, da criação de riqueza e do desenvolvimento social de uma maneira que antes era apenas um sonho. Para os mesmos autores, para além dos benefícios

econômicos, ao colaborarem as massas de pessoas reunidas fazem com que as artes, a cultura, a ciência e a educação avancem de forma surpreendente.

Enquanto animal social o homem sempre colaborou. O compartilhamento, a troca, a dádiva, o empréstimo e a permuta regeram durante muito tempo o modo de consumo e produção da sociedade. Mas na sociedade e na economia moderna estas práticas foram marginalizadas. O dinheiro e a propriedade privada impuseram sua dominação. Dessa forma, o fenômeno da emergência da economia colaborativa seria um verdadeiro retorno às fontes dos meios de troca da sociedade do passado. Por outro lado, entende-se que o retorno, a colaboração e o compartilhamento são uma alteração profunda no seio de nossa sociedade contemporânea e não é possível associa-los unicamente a crises econômicas.

O fenômeno economia do compartilhamento pode ser considerado como o resultado de três fatores que estão organicamente relacionados a partir dos anos 70 do século passado: (i) Fator socioeconômico - compreende as constantes crises do modelo econômico vigente que conduz relações de produção e de trabalho as quais tem ensejado insatisfação e desejo de mudança; (ii) Fator sócio-tecnológico - relacionado as alterações nas tecnologias da informação e comunicação, sobretudo na disseminação e ampliação da acessibilidade a partir do surgimento da internet; (iii) Fator socioambiental - concernente a necessidade de um futuro mais sustentável, na qual se incorpora crise da esgotabilidade dos recursos naturais que coloca em ameaça a sobrevivência humana no planeta.

Este três fatores que conjuntamente podem ser considerados vetores da economia do compartilhamento deram causa a três revoluções gestadas desde os mesmos anos 70 até a atualidade, a saber: (a) revolução tecnológica – partindo da introdução do microprocessador, da criação do telefone móvel, passando pelo desenvolvimento dos computadores pessoais até a explosão das redes sociais e dos "apps"; (b) revolução ambiental – iniciando da luta dos primeiros movimentos ecologistas, da fundação do Greenpeace, passando pela I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, até as preocupações planetárias com o desmatamento, a poluição e as mudanças climáticas; e (c) revolução econômica – originando da crise do petróleo, da globalização dos mercados, passando pelo "fim do emprego" até a explosão

da "bolha" imobiliária. Estas três revoluções impulsionam a economia do compartilhamento e nas subseções seguintes serão expostas informações complementares do que representa cada uma. É importante salientar que, apesar de alguns autores incluírem os fatores anteriormente citados como vetores da economia do compartilhamento, o exposto aqui não é um consenso. Entretanto, esta é, a partir do estudado e levantado por meio da pesquisa, a conclusão do autor.

### ***3.1.1 A economia do compartilhamento e a influência da revolução tecnológica***

A sociedade vive atualmente a Era da Informação, na qual a internet é tão fundamental quanto a eletricidade foi na era industrial (CASTELLS, 2014), e sua popularização tem expandido as fronteiras e dimensões dos avanços pelos quais a Terra está passando neste momento. Agora, bilhões de pessoas ao redor do mundo estão expostas aos desdobramentos inerentes ao constante fluxo de informações presente neste meio. Conforme afirma Castells (2014) a internet tornou a sociedade local em uma rede global onde pessoas e organizações são alimentadas por redes digitais que a utilizam como forma de conexão.

Segundo Cantera e Vaquero (2012, p.21) a internet “é um conjunto descentralizado de redes de comunicação interconectadas através de diversos dispositivos como PC’s, telefones moveis, tablets ou televisores”. Para os mesmos autores a utilização desta rede de comunicação tem tornado o mundo cada vez menor e criado uma economia conectada através de redes nas quais a informação flui de forma digital e exponencial.

Para Rifkin (2014) a expectativa gerada pela internet que conecta tudo e todos aliada ao impulso da extrema produtividade que move o mundo atualmente nos direciona cada vez mais rápido a uma era de bens e serviços que fluam livremente. Tal interconectividade tem reforçado novas práticas econômicas através de novas relações de consumo, como é o caso da economia do compartilhamento. Para Cantera e Vaquero (2012) nós já vivemos uma época em que consumidores, empresas, instituições financeiras e qualquer outro agente econômico são membros de uma rede de sistemas hiperconectado, evidenciado por conexões que oferecem uma infinidade de possibilidades de colaboração mútua.

Segundo Béchaux (2014), sem as inovações tecnológicas, a economia colaborativa nunca teria saído do status de vendas de garagem ou de carona para os vizinhos. Tais inovações tecnológicas têm seu marco inicial no surgimento dos computadores e posteriormente da Internet. Rifkin (2014) usa alguns exemplos para expor a importância da Internet e da sua utilização produtiva para a sociedade atual.

A internet está rapidamente sendo aplicada no meio ambiente para melhorar a administração dos ecossistemas da terra utilizando sensores para evitar queimadas, para medir o nível de poluição nas cidades, para aperfeiçoar sistemas de alarme contra avalanches, erupções vulcânicas e terremotos e investigando o comportamento de animais selvagens que possam afetar o bem-estar de outros ecossistemas, entre outros. Rifkin (2014) complementa ainda afirmando que a Internet permite que cada humano se conecte a outro em procura de sinergias e de facilitar interconexões de forma a otimizar o bem-estar social em todo planeta.

Conectar cada coisa a cada ser é um evento transformador na história da humanidade e tem permitido a nossa espécie a criação de empatia e de socialização com uma grande família humana pela primeira vez na história (RIFKIN, 2016). Para Cantera e Vaquero (2012) vivemos em uma nova ordem econômica e social na qual as pessoas se conectam e se reconectam sem medo de interagir e compartilhar, o que está gerando uma grande mudança na sociedade: o crescimento da colaboração e da criatividade a partir da criação de valor em rede.

Além disto, a internet está fornecendo uma infraestrutura global para a criatividade, a participação, o compartilhamento e a auto-organização que faz com que as pessoas criem, compartilhem, colaborem e participem ativamente das mudanças que acontecem em velocidade cada vez maior (TAPSCOTT E WILLIAMS, 2006). Infraestrutura que tem sido utilizada habilmente por negócios que exploram a perfeita tempestade de tecnologias moveis unida a mudança de atitude do consumidor a fim de dar às pessoas o que elas buscam: acesso em vez de posse (GANSKY, 2010). Tal perfeita tempestade de tecnologias está tornando o mundo um lugar mais acessível a todos por meio de livres fluxos de informação, conhecimento, criatividade, capital e talento, que têm desenhado

um novo contexto em que as empresas desenvolvem seus modelos de negócio, cada vez mais participativos e colaborativos (CANTERA E VAQUERO, 2012).

Rifkin (2016) reitera a capacidade que a Internet tem de conectar a humanidade numa vasta rede neural criando, em consequência disto, uma geração que estuda usando salas de aulas via *Skype*, socializa com amigos ao redor do mundo por meio do *Facebook*, compartilha casas, roupas e praticamente tudo *online*. Desta maneira as pessoas têm se tornado editores de suas vidas, o que tem estimulado a comunicação de pessoas para pessoas e feito surgir, a partir disto, tendências de comércios de pessoas para pessoas online através das redes sociais (CORNELLA, 2012). Em outros termos, os ambientes virtuais são os espaços ideais para dar vazão a economia do compartilhamento.

Castells (2012) afirma que a sociedade atual vive uma era de conexão global sem fronteira resultado da interação entre a emergência do paradigma tecnológico baseado na revolução digital e, principalmente, algumas mudanças socioculturais. Desta forma, a internet que conecta tudo e todos e rapidamente tem se tornado cada vez mais natural e parte da vida humana. Crianças hoje crescem a utilizando. Esta geração e as suas sucessoras terão a Internet como, por exemplo, sua geração anterior teve a TV e o telefone (BARGH; MCKENNA, 2004).

Seguindo esta tendência, de acordo com Cornella (2012), não param de surgir tecnologias que facilitam a colaboração e compartilhamento. O exemplo mais obvio está ligado ao telefone móvel. Unido a ele, o mundo das aplicativos para plataformas moveis que cresce a cada dia. Gansky (2010) reitera afirmado que os novos negócios baseados no compartilhamento de bens e serviços se utilizam das possibilidades geradas pela Internet móvel para crescer. Hoje em dia utilizando um celular é possível se sentar em um café enquanto mapeia quartos de hotel nas proximidades, ler comentários, comparar preços, negociar um acordo e efetivar a reserva, por exemplo. Ainda para Gansky (2011) a computação móvel está crescendo em um ritmo explosivo. Em breve ela será capaz por mudar as regras do jogo e dentro de um piscar de olhos nós teremos construído uma linguagem toda nova de compartilhar. Cantera e Vaquero (2012) vão além e afirmam que tal conexão facilita a consolidação de um paradigma econômico e social menos



hierárquico, mais ditribuído e mais auto-organizado, como tem se mostrado ser a economia do compartilhamento.

Para Cornella (2012) o fluxo de dados cada vez mais aberto proporcionado pela mobilidade e velocidade trazidos pela Internet e pelos telefones móveis somados às habilidades das pessoas serão responsáveis por profundas alterações nos próximos anos. A facilidade com que as pessoas espalhadas pelo mundo podem colaborar, graças a tecnologia, para desenvolver novas tecnologias, gerar soluções inteligentes e compartilhar bens e serviços mudará o mundo.

### ***3.1.2 Crises do sistema capitalista e seus impactos para o surgimento da economia do compartilhamento***

De acordo com Piqueras (2015, p. 48), na sua forma atual de funcionamento, “o capitalismo se apropria do conhecimento através da privatização do que é coletivo e da precarização do trabalho intelectual”. Tal precarização do conhecimento foi uma das bases utilizadas pelo capitalismo para construir a abordagem econômica vigente. O modelo de distribuição do poder econômico que surge após o choque do petróleo nos anos 1970 vai diretamente favorecer o movimento da economia colaborativa três ou quatro décadas mais à frente. Se por um lado o óleo negro será o grande responsável nas décadas de 1980 e 1990 por gerar altos lucros, por outro provocará diversos conflitos bélicos e contribuirá para espalhar o terrorismo que a partir dos anos 2000, com a derrocada das torres gêmeas do *world trade center*, deflagrará uma crise insistente no seio do modelo capitalista de fazer negócios.

Para Sachs (2008) tal modelo capitalista de negócios, louvado por uma inigualável eficiência na produção de bens e geração de riquezas, é, ao mesmo tempo, responsável por diversos males sociais e ambientais que atingem o planeta desde o século XIX. A reconhecida capacidade de produção de riqueza inerente deste sistema não se reproduz com a mesma intensidade na capacidade de distribuir riqueza. Políticas econômicas de crescimento são adotadas ao redor do mundo com o intuito de se obter resultados imediatistas para a economia e para a população, criando uma falsa imagem de desenvolvimento. Entretanto, o crescimento econômico desacompanhado do desenvolvimento produz desemprego maciço, subemprego, acentuação da pobreza e,

consequentemente, das desigualdades sociais. Estes males constituem o preço inevitável do progresso pelo progresso e provocam o clima de insatisfação e de crises econômicas que têm feito parte da história recente do capitalismo.

Segundo Capra (2006) a economia atual é caracterizada por construir uma abordagem fragmentada e fora do contexto ecológico e social em que se insere. Devido a esta abordagem os economistas acabam ignorando fenômenos econômicos importantes em seus estudos, como o da evolução dinâmica da economia. Segundo ele a evolução dos padrões econômicos acontecem de forma rápida e contínua, acompanhando a evolução da sociedade e da mudança de valores.

Tais afirmações de Capra podem ser reiteradas a partir do que diz Cornella (2012) sobre os novos caminhos da economia a partir deste momento. De acordo com ele a situação de desprestígio das empresas e seu processo de degradação nos últimos vinte anos sugere novos caminhos: estas terão de repensar sua razão última de existência, o lucro, e passarem a incorporar outras finalidades aos negócios. Auxiliar os cidadãos na resolução de problemas locais, tonando as organizações mais colaborativas e mais conectadas aos movimentos sociais e a dinâmica econômica da sociedade podem se firmar como algumas finalidades alternativas. Desta forma, é necessário se redesenhar, construir um modelo mais equilibrado e sustentável. Para Tapscott e Williams (2006) o futuro será de mudanças profundas na estrutura e no *modus operandi* das empresas e da economia atual, baseada em novos princípios de competição tais como livre acesso a bens e serviços e agir globalmente. A saída ou caminho para este futuro poderá ser através das alternativas propostas pela economia do compartilhamento.

Para Cantera e Vaquero (2012) uma organização para se manter competitiva no panorama que se desenha para o futuro deve ser baseada no conhecimento, na capacidade de inovação e colaboração. Além disto, de acordo com Tapscott e Williams (2006), empresas inteligentes deverão utilizar a economia do compartilhamento como forma de reduzir custos, construir relações e acelerar o processo de inovação. A excelência em inovação e criatividade são elementos em comum a muitas empresas exitosas e serão variáveis imprescindíveis para criar um ambiente de competição saudável e diferenciada. Ambiente este levado em conta pelos consumidores que se tornam cada vez mais dispostos a compartilhar e a participar do surgimento de uma nova

economia fundamentada no livre acesso a bens e serviços (CANTERA E VAQUERO, 2012; TAPSCOTT E WILLIAMS, 2016).

Parte desta disposição pode estar associada às crises do sistema capitalista. Para Gansky (2011), historicamente, tais épocas favorecem o surgimento de novas empresas e a remodelação das antigas. Confronte a mesma autora, as atitudes dos consumidores estão mudando em resposta às crises, incluindo uma disposição para experimentar novas marcas. Além disto, em momentos como estes, os consumidores estão repensando o que consideram valiosos em suas vidas, abrindo espaço para novos modelos de trocas comerciais e de relações de consumo (GANSKY, 2011).

Desta forma, a crise que atinge as economias ocidentais, depois dos anos 2000, marca a falta de fôlego do sistema capitalista, e a inviabilidade do mesmo para o futuro. É necessário se reinventar, construir um modelo mais justo e sustentável.

### ***3.1.3 A economia do compartilhamento reforçada pela necessidade da sustentabilidade***

Em 1987, a Organização das Nações Unidas por meio da Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento elaborou o conceito para desenvolvimento sustentável como uma resposta para a humanidade perante a crise ambiental: “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (THE WORLD BANK, 2004, p. 9). Segundo Morlighem (2014) um dos sinais marcantes que apontam o colapso de uma sociedade é um conflito entre os interesses de curto prazo de um grupo que toma as decisões e os interesses a longo prazo da sociedade. Esse conflito tem levado não só a consolidação das desigualdades socioeconômicas, mas implicado em uma crise ambiental que nos projeta além da urgência e das contingências do presente. A criação de um sistema sustentável que implique em uma melhor qualidade de vida para as próximas gerações é uma bandeira de luta dos movimentos ecologistas desde os anos 1970 que, lamentavelmente, não tem se concretizado. Há muito tempo nós estamos passando de uma era de abundância e deixando para as próximas gerações uma era de penúria energética, alimentar e de água potável.

Estas previsões têm se tornado cada vez mais reais. De acordo com Rifkin (2016) a humanidade consome atualmente recursos equivalentes a uma terra e meia, e se as tendências de consumo se mantiverem, de acordo com as Nações Unidas, seriam necessárias duas terras para suportar a apropriação de recursos pelo homem. Assim como Rifkin, Capra (2006, p. 204) também chama atenção para os danos provocados pelo avanço do consumo, ao afirmar que “a expansão ilimitada num meio ambiente finito só pode levar ao desastre”. Os problemas acarretados pelo crescimento econômico sem medida de preocupação ambiental (poluição do ar, do solo e da água, desmatamento, extração de reservas naturais e extinção de espécies da biodiversidade da terra) que tem levado a sociedade a recorrer a busca de formas alternativas de produção e consumo.

Para Goi e Sparemberger (2010) o padrão de consumo exacerbado inaugurado pelo homem cria um grande problema, já que a natureza não consegue repor seus recursos com a mesma velocidade com que são explorados. Conforme Bauman (2008, p.65) o consumismo se constitui em uma "economia do engano", uma vez que invariavelmente se baseia em um movimento que se revela pela irracionalidade, na falta de sobriedade e de informação dos consumidores. Entretanto, para o modelo econômico vigente, ao contrário, estes aspectos reafirmam a boa saúde da prática do consumismo por estimular o desejo individual por possuir bens, em muitos casos supérfluos. É nesta premissa a qual se apoia o mercado ao estimular o consumismo na modernidade, como apontam Barbosa e Campbell (2006). É necessário consumir de forma rápida e constante para que haja sustentação do crescimento econômico e do progresso tecnológico justificados pelo sistema econômico de mercado.

Neste ambiente, a economia do compartilhamento apresenta uma oportuna resposta que faz face às exigências da sociedade deste século. Na economia do compartilhamento, os locais de trabalho são divididos com outros empreendimentos, o compartilhamento de veículos pode causar a diminuição do uso de combustíveis poluentes, a produção local pode atender aos circuitos curtos e também permitir as trocas entre vizinhos e os bens já usados podem ser comercializados online. Para Rifkin (2016) compartilhar carros, bicicletas e transporte público revela compromisso da nossa espécie com o desenvolvimento sustentável e representa uma mudança da mentalidade humana que se torna mais empenhada em construir uma biosfera mais colaborativa. Tudo isso

constitui-se, essencialmente, no desenvolvimento de novas práticas econômicas capazes de otimizar a utilização de recursos para atender as necessidades da sociedade e do planeta.

### **3.2 A economia do compartilhamento: um conceito em formação**

Em se tratando de um fenômeno econômico recente, observa-se ainda um esforço teórico-conceitual para se apresentar a economia do compartilhamento. De certo, alguns avanços já foram obtidos e já é possível, por exemplo, apontar alguns conceitos chave que devem compor a formulação conceitual da economia do compartilhamento, tais como: colaboração, conectividade e criatividade. Apresentado por Cantera e Vaquero (2012), estas seriam as três dimensões fundamentais que determinam o potencial de uma organização em um sistema econômico em rede, como o caso da economia do compartilhamento. Outros dois termos chaves podem facilmente se juntar a estes três, como aponta Christensen *et al* (2015): a inovação e a disrupção.

Para Gansky (2011) os empreendimentos da economia do compartilhamento são aqueles que devem compartilhar algo dentro de uma comunidade conectada pelo uso da web, das redes móveis e das redes sociais demandando, além disso, de certa criatividade de seus membros.

Ainda nesta direção de delimitação de um conceito, Chase (2015) estabelece que a base conceitual da economia do compartilhamento está conjugada em quatro pilares característicos: a) ativos abertos acessíveis prevalecem sobre ativos fechados; b) modelos mentais abertos e conectados em rede prevalecem em detrimento de modelos mentais fechados; c) benefícios de abertura estão acima dos problemas de abertura; e d) o ato de receber deve ser mais valorado que o de dar. Estas premissas seriam as bases para a construção de novos negócios, mais conectados e colaborativos. Chase (2015) cita ainda outros três importantes fatores: capacidade excedente, plataformas e o poder individual de criação (*peers*), representado pelas pessoas. Além disto, a mesma autora introduz a importante ideia de acesso a bens e serviços, e não mais a posse dos mesmos, como pratica a economia industrial.

Ampliando ainda mais a busca por uma definição para a economia do compartilhamento, Rifkin (2014), incorpora ao conceito a perspectiva da utilização, no

âmbito deste modelo econômico, da capacidade ociosa dos bens e serviços que as pessoas já possuem e como indicador de valoração para a consumação das transações, a confiança. O primeiro seria o grande trunfo em comparação a economia capitalista de mercado, otimização dos bens, transformando-os em bens de uso comum, reutilizando objetos, espaços e serviços, estimulando uma forma de vida mais sustentável. Já o segundo seria o responsável pela construção de reputação dos negócios, essencial para a economia do compartilhamento.

Em suma, ao analisar o posicionamento desses autores acerca de elementos que compõe uma definição do que representa a economia do compartilhamento, e aproximando-as poderia se apresentar uma proposta conceitual unificadora. Longe de se construir uma definição que pareça exaustiva, um vez que ainda se está diante de um conceito em evolução, os autores do presente trabalho através do esforço anteriormente exposto afirmam ser possível conceituar a *economia do compartilhamento* como *um modelo de negócio que utiliza-se de ativos totalmente ociosos ou pouco utilizados, tangíveis ou intangíveis, disponibilizados na forma de bens ou serviços, que de maneira compartilhada - através de redes físicas ou digitais - permitem a aproximação e articulação entre proprietários de bens, produtores, vendedores, consumidores, usuários e prestadores de serviços para um melhor aproveitamento desses ativos, gerando ganhos econômicos ou não econômicos e podendo impactar positivamente no meio ambiente*. De posse deste conceito, formulado pelos autores do presente trabalho, partiremos para capturar qual as causas potências que levaram a se erigir a economia do compartilhamento com a explosão e discussão de sua dimensão contextual.

### **3.3 Os potenciais impactos da economia do compartilhamento**

A economia do compartilhamento é um fenômeno resultante de três fatores organicamente relacionados, são eles: fatores socioeconômicos, socio-tecnológicos e socioambientais. Ela é produto organizado das crises e desafios diversos que emergiram destes três fatores e vêm evoluindo desde os anos 70 do século passado, como apresentado anteriormente no presente trabalho. O fenômeno recente da economia do compartilhamento é, portanto, um conjunto de ideias e práticas em torno de um novo modelo econômico de produção e consumo, de um outro sistema de relações de trabalho

e de reflexões sobre a qualidade de vida que distribui seus impactos pelas mais diversas dimensões da sociedade.

Chegamos então ao ponto em que se faz necessário expor com maior clareza como os potenciais impactos da economia do compartilhamento estão já repercutindo e atuarão de modo mais intenso na sociedade, no futuro próximo. Com a finalidade de melhor expô-los a presente seção é subdividida em quatro subseções. A primeira delas expõe como a geração de renda atua na redução da desigualdade social por meio da democratização do acesso a oportunidades de trabalho e criação de negócios; a segunda delas expõe como o pensar, fazer e consumir de forma sustentável está incitando a constituição de uma sociedade que valoriza a preservação dos recursos naturais do planeta; a terceira delas expõe como o exercício da cidadania, através de toda a amplitude e da evolução do seu conceito, tem a capacidade de estimular às mudanças de hábitos e a influenciar uma geração mais consciente; e a última das subseções expõe como as iniciativas colaborativas, compartilhadas e cooperativas têm a capacidade de incentivar as relações e interações sociais surgidas em redes, sejam em plataformas online ou no ambiente físico. A seguir, temos o detalhamento destas quatro dimensões dos impactos sociais da economia do compartilhamento.

### ***3.3.1 Dimensão econômica: a geração de renda como fator redutor da desigualdade social***

A sociedade ocidental construída sobre as bases do capitalismo tem na geração de renda o principal fator de satisfação de necessidades sociais. Afinal é através dela que é possível alimentar o nível irrefreável de consumo, sustentáculo do modelo econômico capitalista tradicional. Desta forma é completamente normal na sociedade dos nossos dias que as pessoas façam uso de todas as ferramentas possíveis com o objetivo de constituir riquezas. Entretanto, mais que construir riquezas é necessário democratizá-la, por meio de iniciativas que fomentem a geração de renda entre as classes tidas como menos favorecidas. Uma ferramenta determinante do processo de democratização da geração de renda na economia do compartilhamento é a internet, devido sobretudo o acesso e a rápida disseminação dos aplicativos e dos e-negócios ao redor do globo. A Internet com uma proposta cada vez mais real de integração global de pessoas, máquinas, recursos naturais, modos de produção, e hábitos de consumo permite que

cada pessoa se conecte e se comunique com outras em qualquer parte do mundo (RIFKIN, 2014).

Atividades desenvolvidas coletivamente por pessoas de forma simultâneas em plataformas *online* para criar novos produtos ou oferecer respostas e soluções para problemas; aplicativos para conectar pessoas e pessoas a serviços ou captar recursos de forma colaborativa; e páginas na *web* e perfis em redes sociais para divulgar feiras, bazares, clubes de troca e vender produtos ou serviços. Estes são exemplos que têm se tornado cada vez mais comuns e as possibilidades são infinitas, pois na economia do compartilhamento, a internet é um dos principais fatores de influência e a principal forma de disseminação de ideais e práticas colaborativas e sustentáveis. Em outras palavras, o compartilhamento ganhou dimensão global após a popularização da internet, tendo assim expandido seu conceito, como afirma Cornella (2012, p.126) ao dizer que “compartilhar não é somente bonito e moderno mas é também, para milhões de famílias da classe média uma forma de extrair renda e até mesmo de sobreviver”.

Hoje os custos de vida estão tão altos que estas diferentes e novas formas de obter mais renda a fim de sustentar a si mesmo e à família se tornam extremamente atraentes. “A classe média deverá extrair o máximo de valor que puder pois esta será a única solução para sobreviver em um mundo que se encarece cada vez mais” (CORNELLA, 2012, p.126). Utilizando-se do compartilhamento a fim de extrair valor, por exemplo, foi criado o Airbnb. O Airbnb é uma plataforma onde pessoas anunciam, descobrem e reservam acomodações ao redor do mundo através de um computador, celular ou um *tablet*. Aqueles que anunciam um imóvel como local de acomodação (sendo um quarto na própria residência ou a mesma de forma integral) recebem um valor como remuneração pelo serviço prestado aos visitantes de qualquer lugar do mundo. O hóspede ou o contratante da hospedagem paga ao Airbnb que transfere um valor acordado para o dono do imóvel. O Airbnb não tem ativos físicos, sendo a intermediação e garantia da confiança entre as partes que gera dinheiro a esta organização. Além do Airbnb existem outras centenas de exemplos funcionando neste modelo de negócios da economia do compartilhamento em todo o mundo.

Todavia, o universo da geração de renda neste modelo econômico não está restrito as organizações que usam os ambientes digitais para fazer negócios. Não se



pode esquecer, por exemplo, dos ambientes físicos coletivos (com denominações diferentes no mundo, mas com o mesmo fim: *city garage sales*, *flea markets*, *vide-greniers*, brocantes, brechós, mercado de pulgas) constituídos para comercialização de roupas, moveis e outros produtos usados que também são práticas colaborativas, incentivam a sustentabilidade e geram renda. A aquisição de um bem usado de uma outra pessoa constitui-se em uma forma de obtenção de dinheiro para aquele que vende; evita o desperdício, uma vez que o bem não será mais descartado pelo antigo proprietário; e evita o consumo de recursos naturais na produção de um novo produto para substituir aquele que iria parar no lixo.

Da mesma forma que a geração de renda tem fundamental importância na redução das desigualdades sociais, outros fatores de impacto também atuam a fim de formar um futuro mais justo e sustentável. Para que isto ocorra é necessário a convergência de outros fatores que não somente a geração de renda, como a sustentabilidade ambiental. A geração atual e, principalmente, as gerações futuras necessitarão de um meio ambiente mais adequado para o bom desempenho de suas atividades econômicas e para se viver com qualidade. Contudo, torna-se imprescindível atitudes práticas com esforços em relação a redução substancial do desperdício, do consumo sem propósito e da obsolescência programada que não estão de acordo com modelo de negócios ainda majoritariamente desenvolvido do capitalismo tradicional.

### ***3.3.2 Dimensão ambiental: a sustentabilidade como condutor do desenvolvimento local***

Segundo o documento *Beyond Economic Growth* (Em tradução livre do inglês: Além do Crescimento Econômico) do The World Bank (2004) o desenvolvimento sustentável é um termo difícil de ser conceituado uma vez que correntes teóricas diversas compreendem este construto de forma diferente dependendo dos referenciais utilizados. Em 1987, a Organização das Nações Unidas por meio da Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento elaborou o conceito do termo em questão como uma resposta a humanidade perante a crise ambiental que o mundo passava, e permanece passando. A definição apresentada por esta comissão é a de que “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades”. Alguns

anos mais tarde, uma das referências mundiais no tema apresentou sua propositura conceitual, entendendo o desenvolvimento sustentável pode ser conceituado por meio da execução de ações que sejam socialmente justas, ambientalmente corretas e economicamente viáveis (SACHS, 1993).

Esta é a definição que adotamos neste trabalho. Desta forma, pensar e agir de modo sustentável é uma enorme necessidade de sobrevivência para nossa geração e torna-se mais pertinente ainda para as próximas. A humanidade se encontra em um importante momento em que se faz necessário pesar os impactos ambientais de qualquer decisão - seja ela pessoal, governamental ou empresarial - antes de tomá-la. De tal modo, ações e decisões cujo foco são a exploração de recursos naturais que não sejam bem planejadas e estruturadas, ou ainda, não estejam preocupadas com o que provocam à natureza e ao planeta podem trazer impactos ambientais maléficos e quase irreversíveis para as organizações, para a sociedade e para o meio ambiente.

Como exemplo brasileiro, no âmbito governamental, é possível citar os frequentes desastres relativos às chuvas em estados como Santa Catarina que além de tirar a vida de centenas de pessoas, deixam outras tantas desabrigadas e ainda causam danos à infraestrutura urbana das cidades atingidas, anualmente. O descaso do poder público que não atua com a preparação destas regiões para o período das fortes chuvas tem grande responsabilidade nestes desastres a partir do momento que não toma as devidas iniciativas a fim de reduzir os impactos de tais catástrofes, sendo que a cada ano são beneficiados com recursos emergenciais do orçamento federal para investirem em esforços que possam evitar a mesma tragédia no ano seguinte. No país, a mesma perspectiva de omissão, mal uso ou gestão do recurso público e descaso se aplica a ação governamental de convivência com a seca no nordeste.

Por sua vez, podem ser citados como exemplos negativos no campo empresarial, o derramamento de petróleo no Golfo do México e o vazamento da lama represada de resíduos de mineração que destruiu o leito de um rio, a fauna e flora de suas margens no Brasil. O primeiro, ocorrido em 2010, foi resultado da explosão de uma plataforma da petrolífera inglesa British Petroleum - BP e ocasionou o vazamento de 5,0 milhões de barris de petróleo cru no mar do Golfo do México, de modo contínuo durante 87 dias, espalhando-se por mais de 1.500 quilômetros no litoral norte-americano, causando

danos ambientais e socioeconômicos drásticos. Em outubro de 2015, os Estados Unidos anunciaram que a BP aceitou pagar US\$ 20,8 bilhões (R\$ 80,0 bilhões na cotação de 27/11/2015: \$ 1.0 = R\$ 3,84) em multa pelo desastre natural causado (AYUSO, 2015). O segundo caso citado se refere ao ocorrido, em novembro de 2015, no Brasil, resultado do rompimento de duas barragens da mineradora Samarco que provocou o vazamento de 62,0 milhões de metros cúbicos de lama de dejetos provenientes da extração de minério de ferro e que contaminou o Rio Doce ao longo de 650,0 quilômetros, matando aproximadamente 11,0 toneladas de peixes (AUGUSTO, 2015) e afetando o abastecimento de água de mais de 500,0 Mil pessoas (AGENCIA BRASIL, 2015). De acordo com Mendonça (2015), os governos federal e dos estados afetados pelo desastre ambiental irão processar a Samarco em US\$ 5,2 bilhões (R\$ 20,0 bilhões na cotação de 27/11/2015: \$ 1.0 = R\$ 3,84). A questão a se refletir é se os valores a serem desembolsados pela BP, no caso do Golfo do México, e pela Samarco, no caso do Rio Doce, recompõem todo o dano causado ao meio-ambiente (fauna e flora) e a sociedade por anos ou décadas? Ademais, soma-se ao fato de alguns ambientalistas apontam que nos dois casos, as companhias foram negligentes antes (com as causas) ou após (nos seus efeitos) estes desastres ambientais acontecerem.

Uma das principais justificativas das grandes corporações para a manutenção de processos de produção danosos ao meio ambiente e com usos muitas vezes pouco sustentáveis dos recursos naturais é a elevação da demanda em novos padrões de consumo globais ou a competitividade pelo consumidor para escoar a produção. Para Goi e Sparenberger (2010) o padrão de consumo descomedido inaugurado pelo homem a partir do início do século XX (petróleo como matéria-prima do plástico e a linha de produção em massa de bens e serviços) cria uma das maiores problemáticas relacionadas ao tema na atualidade: a natureza não consegue repor seus recursos com a mesma velocidade com que é explorada. Milaré (2005) complementa afirmando que isto decorre de um fenômeno o qual para suas novas e múltiplas necessidades (que são ilimitadas), o homem disputa os bens comuns da natureza (que são limitados), ou seja, o progresso econômico e tecnológico como fatores de produção acarretou a crise ambiental vivenciada a partir dos anos 70 do século passado agravando-se nas últimas 04 décadas.

É em parte voltado para a contra-mão da corrente do consumo desmedido e que degrada o meio ambiente que a economia do compartilhamento convida a sociedade a pensar sustentavelmente e a desenvolver uma visão de futuro que priorize o desenvolvimento local em um modelo de produção compartilhado e de relações de trabalho mais horizontais e colaborativas. Em alguns casos, privilegiando os circuitos curtos de produção e consumo. Um exemplo disto, é a plataforma *La Ruche Qui Dit Oui* criada na França e que já começa a se espalhar pela Espanha, Alemanha, Itália, Bélgica e Reino Unido. O propósito da iniciativa é incentivar a compra de produtos de agricultores de sua localidade em feiras semanais a fim de reduzir os impactos causados pelas grandes indústrias processadoras de alimentos na renda de pequenas cidades movimentadas pela agricultura familiar. O *La Ruche Qui Dit Oui* através da organização das feiras deseja fazer com que os agricultores recuperem seus canais de venda, os consumidores, eliminem atravessadores e reduzam os impactos gerados pela emissão de CO<sub>2</sub> (transporte usado para menores distâncias) e no acondicionamento dos produtos (menos embalagens plásticas ou derivados para embalar os itens para as viagens longas), incentivando o desenvolvimento de arranjos locais de forma sustentável.

Além do *La Ruche Qui Dit Oui*, há diversos outros negócios dentro da economia do compartilhamento que podem ser inseridos no contexto das práticas mais sustentáveis de produção e consumo e que conduzem à reflexão sobre o desenvolvimento do planeta para o futuro e a sobrevivência das próximas gerações. Outrossim, ambientes online que visam despertar nos indivíduos maior interesse na sustentabilidade do planeta a fim de fortalecer os ideais defendidos na economia do compartilhamento tem conseguido alcançar sucesso e difundir conceitos norteadores na construção de cidadãos mais responsáveis e uma sociedade mais preocupada com o desenvolvimento sustentável.

### **3.3.3 Dimensão política: o exercício da cidadania como indutor de uma sociedade mais consciente.**

De acordo com Rezende Filho e Câmara Neto (2015) o conceito de cidadania surgiu na Grécia e estava ligada diretamente ao exercício dos direitos políticos do povo por meio, sobretudo, do direito a voto na democracia grega. Entretanto o conceito evoluiu de forma a incluir também debates sobre a exclusão social e os direitos humanos. Segundo os autores, “falar em cidadania significa considerar, igualmente, as mudanças

ocorridas na sociedade, nos valores e na educação, proporcionados pelas inovações da realidade tecno-científica” (REZENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2015, p.5) incluindo ainda a capacidade do indivíduo de buscar o atendimento dos direitos sociais, como aqueles que darão acesso a alimentação, habitação, saúde e educação (COVRE, 1998).

Para Rezende Filho e Câmara Neto (2015) o exercício da cidadania deseja munir o povo de ferramentas capazes de fazê-los questionar os valores identitários da sociedade, fazendo-os refletir em elementos como, sua cultura, seus costumes e valores. Elementos estes que são norteadores ao se estudar hábitos de consumo, pois este pode ser explicado a partir do conjunto de valores, costumes e da cultura do indivíduo e daqueles grupos que estão ao seu redor. De acordo com o documento Cidadania e Consumo Sustentável do Ministério do Meio Ambiente “os bens, em todas as culturas, funcionam como manifestação concreta dos valores e da posição social de seus usuários” (MMA, 2002, p.14). Em outras palavras, a visão que o indivíduo tem sobre aquilo que o cerca é capaz de definir a maneira como ele consome, pois o consumo está associado a como este vê a si mesmo e aos outros perante a sociedade. Taschner (2010) reitera afirmando que a cidadania é o resultado da sensação de pertencimento a uma determinada comunidade, da integração social e do reconhecimento do indivíduo como cidadão.

A cidadania é, portanto, um importante fator de reconhecimento do indivíduo em seu meio social além de influenciar e sofrer influência dos hábitos, da formação de valores e da produção de conhecimento, tendo esta como fonte para formação de cidadãos. Desta forma, negócios que buscam incentivar a efetivação das considerações efetuadas nesta subseção, constituem-se em um exemplo de incentivo ao exercício da cidadania, como é o caso do Catarse. O Catarse é uma plataforma brasileira de financiamento coletivo. Em apenas 04 anos de existência o Catarse conseguiu mais de 36 milhões de reais doados para a realização de projetos com as mais diversas finalidades. É possível por exemplo, apoiar um projeto do doutorado do curso de psicologia da USP, um documentário de ficção sobre corrupção ou ainda uma site web que disponibilizará dados estatísticos sobre qualidade de vida e a evolução dos indicadores sociais de cada subprefeitura da cidade de São Paulo.

O desenvolvimento de projetos na economia do compartilhamento que buscam o incentivo das ciências, das artes, ou ainda do acesso a informações, são fundamentais na formação de cidadãos conscientes e comprometidos com as próximas gerações, uma vez que é por meio do acesso e da troca de conhecimento que uma sociedade mais justa e igualitária é edificada. A *web* se destaca como sendo um local amplo e democrático em que todos podem expressar seus desejos e anseios individualmente ou por meio de grupos com os quais se identifica. O apelo trazido ao incentivo à socialização faz da Internet um local que permite a quebra de barreiras sobretudo no que diz respeito à construção do ideal coletivo e das relações sociais comuns ainda ausentes em boa parte da sociedade atual alicerçada nas bases do modelo de negócios capitalista convencional. Pensando nisto, plataformas e aplicativos que incentivam a construção de relações sociais e redes interativas digitais ou fora delas tem se tornado cada vez mais populares. Observando a situação sob a perspectiva da economia do compartilhamento, ver-se-á como plataformas colaborativas podem encorajar a construção de novas redes de relacionamento e interação.

### ***3.3.4 Dimensão social: as relações sociais em rede como fator impulsor de uma sociedade mais colaborativa***

Cantera e Vaquero (2012) expõem que a internet pessoal e a telefonia móvel têm feito com que as pessoas desenvolvam novos padrões e estilos de vida e têm mudado significativamente a forma como as pessoas se comunicam, se informam e se relacionam. E isto se articula diretamente com os novos modelos como as organizações produzem e comercializam, bem como se conecta com os novos padrões e hábitos de consumo da sociedade pós-industrial em rede. Segundo os mesmos autores "os consumidores dos dias atuais estão evidenciando um forte comportamento colaborativo, coletivo e social, amparados pelas tecnologias sócio digitais que os organizam em 'tribos digitais'" (CANTERA; VAQUERO, 2012, p. 75). A presente geração se conecta com a intenção de se comunicar ao compartilhar experiências, gostos, *hobbies*, interesses, ideias, causas e movimentos comuns, ajustando-se com exatidão a imagem do "ser em rede", conforme o corolário apresentado da Sociedade em Rede por Castells (2007).

Aliás, Foster (2015) vai além da idéia que apenas a sociedade atual é ambientada em redes ao afirmar que a vida humana sempre foi formada por redes. O agrupamento

de pessoas de acordo com suas causas e movimentos comuns é uma característica racional dos humanos desde sempre. Entretanto, na economia do compartilhamento, há uma potencialização surgida nas últimas décadas, com a popularização das redes sociais de internet que demonstram como as formas e os modos de se relacionar estão sofrendo profundas alterações (RECUERO, 2009). Neste sentido, as redes sociais em ambientes digitais são um significativo fenômeno pelo qual a economia do compartilhamento ganha moldura, amplia seus seguidores e adeptos e se afirma de maneira consolidada.

Destarte, são as relações sociais em redes (sobretudo digitais) que têm impulsionado a sociedade, em uma perspectiva global, para o compartilhamento e a colaboração. Foster (2015) afirma que a Internet foi o terreno encontrado pela linguagem para estabelecer uma nova forma de transferência de conhecimento entre indivíduos, possibilitando assim o estreitamento de laços sociais. Este é o enquadramento mais adequado para um dos impactos sociais da economia do compartilhamento. Dentro do mesmo contexto, Recuero (2009) reitera afirmando que as interações no ciberespaço podem ser o início da comunicação do indivíduo com o mundo ao seu redor e que por isto está diretamente ligada relacionada com os laços sociais.

Um caso exemplar para se verificar estas asserções é o BlablaCar criado em 2006, na França, com a intenção de incentivar as relações sociais iniciadas no ciberespaço por meio do sistema de *carpooling* - algo como uma "carona remunerada". O BlaBlaCar é a maior comunidade de compartilhamento de veículos de longa distância do mundo, conectando os condutores que têm lugares livres no seu carro com passageiros que estão à procura de uma forma alternativa e mais barata de viajar, que queiram viajar juntos entre cidades e dividir o custo da viagem. A companhia ou comunidade *online* já tem mais de 20 milhões de membros em 19 países da Europa (ligando de Portugal à Rússia) e a cada mês mais de 2 milhões de membros viajam através da BlaBlaCar organizando as suas viagens no site ou em um aplicativo móvel. Todavia, o intuito do BlaBlaCar não é apenas reduzir custos para aqueles que o utilizam, mas também construir uma relação de amizade e confiança entre condutor e passageiro. Tanto que o próprio nome do negócio é "Blá-Blá" deixando evidente o desejo que as pessoas que usam o serviço possam conversar durante os deslocamentos. Este é um clássico exemplo de como uma plataforma online pode ser indutora das relações sociais e

participar do processo de intensificação de relacionamento do indivíduo com o mundo ao seu redor ao possibilitar que este leve tais relações para além da utilização do serviço disponibilizado pelo site.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou apresentar a economia do compartilhamento como alternativa na construção de um futuro mais colaborativo e sustentável. Para isto, foi possível observar a exposição do conceito da economia do compartilhamento, a descrição de suas principais práticas, a exposição das causas, assim como dos prováveis impactos. Para se chegar às conclusões que serão expostas abaixo algumas dificuldades que se desenharam ao longo da presente pesquisa tiveram de ser superadas. A principal delas é referente a ausência de publicações nacionais acerca do tema. A maior parte da literatura já escrita sobre economia do compartilhamento é escrita em inglês, sendo necessário a busca por materiais de outras línguas com a finalidade de complementar o trabalho, sobretudo em espanhol e francês. Desta forma, observou-se que muitos dos termos utilizados dentro dos estudos relacionados à economia do compartilhamento são ainda desconhecidos por boa parte das pessoas. Sugere-se então para pesquisas futuras o aprofundamento no estudo de termos como *crowdfunding*, *crowdsourcing*, *coworking*, *colodging*, *carsharing* e *carpooling*. Além destes, novos paradigmas econômicos têm ganhado espaço através de princípios semelhantes com os da economia do compartilhamento, como a *gift economy*, economia *on demand*, *gig economy* entre outras. O estudo destes novos paradigmas econômicos poderá tornar mais clara as diferenças e aproximações entre os mesmos e qual contribuição esperar de cada um deles para o futuro da sociedade.

Como resultado do esforço apresentado nesta pesquisa, de expor como a economia a economia do compartilhamento poderá responder a necessidade de um futuro mais colaborativo e sustentável, pode-se dizer que por meio de suas iniciativas que geram renda, que estimulam o pensar e agir de forma a conservar os recursos do planeta e que criam um ambiente propício para a troca de experiências e de cooperação mútua, a economia do compartilhamento poderá se tornar forte indutora da colaboração e da sustentabilidade para as próximas gerações.

Como já exposto, a economia do compartilhamento é um fenômeno multidimensional (social, econômico, político e cultural) emergente, de alto crescimento e

adesão ao redor do planeta. Entretanto, a economia do compartilhamento terá de superar desafios que já se impõem em seus caminhos bem como responder a críticas para que se torne efetivamente uma opção sustentável para a sociedade do futuro. Há o desafio que é superar os projetos, ações e redes oportunistas que desejam "colar" sua imagem ao modelo da economia do compartilhamento pela conotação positiva que, para o momento, parece agregar as organizações que se afirmam parte dela, tendo em vista a popularização do modelo de negócios. Porém existem também as críticas que são feitas ao seu modelo de negócio que têm surgido conforme a economia do compartilhamento tem crescido e suas fissuras naturais se tornam aparentes.

Muitas são as organizações que estão interessadas em se associar do termo "economia do compartilhamento" visando os benefícios e visibilidade que podem obter, ainda que não sejam parte deste novo modelo de regulação da vida econômica e social. Este comportamento de algumas organizações, apesar de nova já possui uma denominação. Chama-se *sharewashing* ou "maquiagem do compartilhamento". Tal conduta consiste em "travestir" de compartilhamento um serviço que, na verdade, é um negócio convencional sem exercício de colaboração ou compartilhamento efetivo. Alguns autores, como Mena (2016) chegam ao extremo de incluir dois ícones da difusão planetária da economia do compartilhamento, o Uber e o Airbnb, como exemplos de prática de *sharewashing*. Uma das principais alegativas deste autor é o fato destas plataformas se constituírem cada vez mais com players globais do mundo dos negócios e podem estar desvirtuando em suas práticas de negócio o exercício do compartilhamento. Para Millard (2016), empreendimentos como Uber e Airbnb podem estar se utilizando da economia do compartilhamento apenas para fugir de suas obrigações legais e de oferecer garantias legais aos trabalhadores, alegando não ter funcionários. Parte dos seus argumentos estão fundamentados nas críticas que Uber e Airbnb têm enfrentado acerca de alguns aspectos não resolvidos como, a ausência de garantias para os prestadores do serviço de cada uma destas plataformas, a ausência de regulação para o funcionamento e a natural, ou consequente - pela falta da regulação que estabeleça que tipo de negócio se enquadra, sonegação de impostos.

Por outro lado, é importante ressaltar que todas estas questões são efeitos evidentes de um novo modelo que se instala e que não tem amparo nos paradigmas e modelos mentais vigentes. É preciso atentar-se que a forma de atuação do Uber e do Airbnb, efetivamente, não funcionam dentro dos padrões atuais de relação de trabalho, propriedade e produção. Por algo semelhante passaram as organizações industriais no séc. XX quando tiveram que superar o modelo de relação trabalhista - pré-industrial ou escravocrata - que vigorava nas fábricas para se ajustarem aos tempos de relações regradas e ditadas por leis trabalhistas. Do mesmo modo, as organizações da economia digital e informacional dos anos 80 e 90, impuseram um modelo de funcionamento o qual os trabalhadores estavam mais livres para ajustar seus tempos de trabalho e podiam trabalhar em casa. As paredes da fábrica não eram mais o limite para produzir na nova sociedade do conhecimento. E agora, na sociedade do compartilhamento, ainda tem quem não compreenda que o modelo mental que entende a relação de trabalho apenas na lógica patrão e empregado, pode estar absurdamente preso no séc. XX. Afinal, quem perguntou se o proprietário do carro que realizar uma atividade comercial pelo aplicativo do Uber ou se quem hospeda alguém em sua residência através do Airbnb está interessado em ser funcionário destas organizações? Enfim, é necessário aprofundar este debate em outras oportunidades para se evitar conclusões precipitadas em torno de negócios que ainda nem se conhecem ou se explicam plenamente pelos padrões de transação e modelos negócios vigentes no sistema dominante.

O debate é também abordado em Meelen e Frenken (2015). Segundo os autores o compartilhamento está relacionado ao uso de capacidade ociosa. Neste caso, seria simples: quando houver o uso da capacidade ociosa, há também a economia do compartilhamento. Quando não houver o uso da capacidade ociosa e o serviço for somente com a finalidade lucrativa, não deverá ser considerado um empreendimento da economia do compartilhamento. Por outro lado, Kalamar (2013) é mais enfático ao abordar os serviços de mobilidade urbana. Conforme o autor, a única coisa que motoristas de plataformas da economia do compartilhamento realmente compartilham é o perigo. As empresas tais como Uber e Lyft deixam todo o risco do trabalho inteiramente com seus motoristas que usam seu próprio carro, seu próprio combustível e, se assim quiserem, pagam seu próprio seguro. Em casos de acidentes envolvendo motoristas do

Uber a empresa alega não ter qualquer vínculo empregatício com os mesmos para fugir de quaisquer implicações legais que tais situações possam implicar para a empresa (CARLIN, 2014).

Por sua vez, não pode se deixar de mencionar que estes motoristas-proprietários dos veículos atuam por livre adesão e iniciativa e recebem um valor referente ao serviço que prestam. Caso o serviço lhe dê prejuízo, acredita-se que deixariam de operar com estas organizações. É relevante destacar aqui, o quanto a economia do compartilhamento parece valorizar a liberdade nos atos do seu modelo de negócio. A ausência dos vínculos - trabalhistas, contratuais ou outros - desejados e ressaltados por muitos, por seu turno, conclama a liberdade desejada por outros tantos. E, como afirma Sen (2010) em sua obra clássica *Desenvolvimento como Liberdade*, a expansão da liberdade é vista - por essa abordagem - como o principal fim e o principal meio para o desenvolvimento. Em outros termos, o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente. A liberdade é não apenas a base da avaliação de êxito e fracasso de uma sociedade, mas também determinante principal da iniciativa individual e da eficácia social. Ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo SEN (2010). Se, efetivamente, a economia do compartilhamento é portadora - de algum modo - de um modelo de exaltação das liberdades nos moldes propostos por Sen (2010) é extremamente prematuro para afirmar, mas merece ser observado com bastante acurácia que este aspecto do nível da liberdade promovido pela economia do compartilhamento em relação a outros modelos de regulação das organizações, da sociedade e da economia já em vigor e dominantes.

Finalmente, de acordo com Kleinfeld (2015) a economia do compartilhamento pode vir a se tornar efêmera e injusta se não conceder nenhum tipo de garantia aos trabalhadores, sobretudo no caso do Uber. Porém, recentemente, a 'classe' dos motoristas que fazem uso do aplicativo do Uber alcançaram uma vitória no estado da Califórnia, nos Estados Unidos, quando a justiça local decidiu em favor de um motorista concedendo-o o direito de ser classificado como funcionário da empresa. Em Londres, a

insatisfação de motoristas-proprietários de veículos que operam com base no aplicativo do Uber tem os levado a se mobilizar em torno da criação de um sindicato a fim de reivindicar melhorias para todos que atuam neste modelo de negocio. Schiller (2015) aponta um possível caminho na intenção de conceder mais segurança aos trabalhadores da economia do compartilhamento. A iniciativa idealizada pelos empreendedores Nick Hanauer e David Rolf seria de conceder benefícios e garantias baseados nas horas trabalhadas. O sistema está sendo chamado de *Shared Security Accounts*. Este sistema de contabilização ainda está em desenvolvimento e aprimoramento, mas tanto quanto a própria economia do compartilhamento precisa passar pelos testes da vida cotidiana para atestar seus êxitos e fracassos.

A ausência de regulação mínima em todos as situações acaba se tornando um "ótimo" ambiente para que as organizações imponham seus serviços e operações. Todavia, devemos ter em evidência que um dos desafios importantes para a economia do compartilhamento enfrentar e superar, seja nas discussões inerentes a ausência dos vínculos trabalhistas ou da regulação enquanto ente comercial, as organizações da economia do compartilhamento precisam ser debatidas dentro da perspectiva de um novo modelo de negócio (é isto que verdadeiramente são). E até o momento ainda estamos em passos lentos - mas firmes - para estabelecer as matrizes que funcionam para compreendê-las.

## REFERÊNCIAS

- AGENCIA BRASIL. Cidades suspendem abastecimento de água após lama atingir o Rio Doce. **EBC – Agência Brasil**, Brasília, 13 de nov. 2015. 2p. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/print/984790>
- AUGUSTO, L. Lama de barragem já causou a morte de 11 toneladas de peixes. **Estadão**, São Paulo, 26 nov. 2015. 1p. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,lama-de-barragem-ja-causou-a-morte...>
- AYUSO, S. EUA elevam a multa recorde para a BP pelo vazamento no golfo do México. **El País**, Washington, 06 out. 2015. 2p. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/05/internacional/1444060968\\_808370.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/05/internacional/1444060968_808370.html)
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BARGH, J.A.; MCKENNA, K.Y.A. **The Internet and social life**. Annual Review of psychology. 2004
- BAUMAN, Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BÉCHAUX, S. “Le partage, c’est aussi du business”, **Liassions Sociales Magazine**, No. 156, p. 22-30. 2014
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CANTERA, J.; VAQUERO, P. **Networknomics: um nuevo paradigma de creación de valor em la economia de la creatividad, la conectividade y la colaboración**. Seattle: Space Independent Publishing Platform, 2012.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARLIN, K. The problems with sharing. **VICE**. Online. Disponível em: <http://motherboard.vice.com/blog/the-sharewashing-scourge>. 2014
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede – a era da informação, economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- CHASE, R. **Economia compartilhada: como pessoas e plataformas da Peers Inc. estão reinventando o capitalismo**. São Paulo: Ed. HSM, 2015.
- CHRISTENSEN, C.; RAYNOR, M.E.; MCDONALD, R. “What is disruptive innovation?”, Harvard Business Review, 15, 12, p. 1-11. 2015.
- CORNELLA, A. **La solución empieza por Co-: hacia la sociedade y la economia de la colaboración**. Barcelona: Infonomia, 2012.
- COVRE, M. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

DE GROEN, W.P.; MASELLI, I. The impact of the collaborative economy on the labour Market. **CESP Special Report**. Bruxelas, n. 138, p.1-35, jun.2016. Centre of European Policy Studies. Disponível em: <https://www.ceps.eu/publications/impact-collaborative-economy-labour-market>

FOSTER, E. **Novas mídias e relações sociais**. 2015. Disponível em: <http://www.fit-tecnologia.org.br/upload/downloads/6l8Y3H2Z9kZz3uC.pdf>

FOURNIER, S.; ECKHARDT, G.; BARDI, F. **Learning to play in the new “share economy”**. Harvard Business Review. Boston, jul-ago. 2015. Disponível em: [https://hbr.org/2013/07/learning-to-play-in-the-new-share-economy&cm\\_sp=Ar](https://hbr.org/2013/07/learning-to-play-in-the-new-share-economy&cm_sp=Ar)

GANSKY, L. **The Mesh: why the future of business is sharing**. New York: Penguin, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mesh: porque o futuro dos negócios é compartilhar**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

GARCIA, J.R. **Um “novo” modelo para a economia brasileira**. Revista Economia & Tecnologia, Curitiba, v.9, n.1, p.79-94, jan/mar 2013.

GOI, M.A.D.; SPAREMBERGER, R.F.L. Educação ambiental: uma proposta para o desenvolvimento sustentável do planeta. **Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas**, Pouso Alegre, v.26, n.1, p. 97-124, jan./mar. 2010.

HARRIS, S.D.; KRUEGER, A.B. **A proposal for modernizing labor laws twenty-first century work: the independent worker**. The Hamilton Project Discussion Paper 2015. Washington. N. 10. Dez 2015. Disponível em: [http://www.hamiltonproject.org/papers/modernizing\\_labor\\_laws\\_for\\_twenty\\_first\\_century\\_work\\_independent\\_worker](http://www.hamiltonproject.org/papers/modernizing_labor_laws_for_twenty_first_century_work_independent_worker)

INED – Institut National d’Etudes Démographiques. **Population e sociétés: tous les pays du monde 2015**. Paris, n.525. set. 2015. Disponível em: <https://www.ined.fr/fr/publications/population-et-societes/tous-les-pays-du-monde-2015/>

KALAMAR, A. Sharewashing is the new greenwashing. **OpEdNews**. 28 de mar. 2016. Disponível em: <http://www.opednews.com/articles/Sharewashing-is-the-New-Gr-by-Anthony-Kalamar-130513-834.html>

KLEINFELD, P. Britain’s sharing economy is creating a desperate servant underclass. **VICE**. Disponível em: [https://www.vice.com/en\\_uk/read/the-sharing-economy-374](https://www.vice.com/en_uk/read/the-sharing-economy-374)

MEELEN, T.; FRENKEN, K. Stop saying Uber is part of the sharing economy. **Co-exist**. Disponível em: <http://www.fastcoexist.com/3040863/stop-saying-uber-is-part-of-the-sharing-economy-2015>

MENA, I. O que é sharewashing. **DRAFT**. Disponível em: <http://projetodraft.com/verbete-draft-o-que-e-sharewashing/>

MENDONÇA, H. Governo quer 20 bilhões de Vale, BHP e Samarco por tragédia de Mariana. **El País**, São Paulo, 27 de nov. 2015. 2p. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448662467\\_062650.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448662467_062650.html)

MILARÉ, E. **Direito do ambiente: doutrina, jurisprudência, glossário**. 4 ed. São Paulo: RT, 2015.

MILLARD, D. The sharing economy is not your friend. **VICE**. Disponível em: <http://www.vice.com/read/the-case-against-airbnb-and-uber>.

MOATTI, S-C. The sharing economy's new middlemen. **Harvard Business Review**, Boston. Disponível em: <https://hbr.org/2015/03/the-sharing-economys-new-middlemen>

MORLIGHEM, A. **Économie collaborative: le nouvel art des co**. 1ed. Paris: Décisions durables, 2014.

MYERS, C. Decoding Uber's proposed \$50B valuation (and what it means for you). **Forbes Entrepreneurs**. New York City. Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/chrismyers/2015/05/13/decoding-ubers-50-billion>

NOVEL, S.S. **Économie du partage: enjeux et opportunités pour la transition écologique**. Paris: IDDRI Sciences po, 2013.

OWYANG, J.; TRAN, C.; SILVA, C. The collaborative economy: products, services and market relationships have changed as sharing startups impact business models. San mateo: Altimeter, 2013.

PIQUERAS, A. **Capitalismo mutante: crisis y lucha social en un Sistema en degeneración**. Barcelona: Icaria Editorial, 2015.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REMUS, D. **Os ubercapitalistas estão chegando**. HSM Management. São Paulo, n. 112, p. 56- 60. Set-out, 2015.

REZENDE FILHO, C.B.; CAMARA NETO, I.A. **A evolução do conceito de cidadania**. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT16092013195054.pdf>.

RIFKIN, J. **The zero marginal cost society: the internet of things, the collaborative commons, and the eclipse of capitalism**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

RIFKIN, j. **Sociedade com custo marginal zero: a internet das coisas, os bens comuns colaborativos e o eclipse do capitalismo**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2016. 2016

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento: incluídos, sustentáveis, sustentando**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SCHILLER, B. Here's how we could raise the dignity of workers in the sharing economy. **Co-exist**. Disponível em: <http://www.fastcoexist.com/3048821/heres-how-we-could-raise-the-dignity-of-workers-in-the-sharing-economy>

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



SILVA JR, J.T.; RAMALHO, F.R.X. **As dimensões dos impactos da economia do compartilhamento: será a sociedade do futuro mais sustentável e colaborativa?** In: IX Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social (ENAPEGS), 2016, Porto Alegre. Anais do IX ENAPEGS, 2016.

SILVA JR, J.T.; RIGO, A.S.; RAMALHO, F.R.X. **Societies in transition: social and solidarity economy , the commons, public action and livelihood.** In: 2<sup>nd</sup> EMES – Polanyi International Seminar, 2016, Paris. Anais do 2<sup>nd</sup> EMES – Polanyi International Seminar, 2016.

TAPSCOTT, D.; WILLIAMS, A.D. **Wikinomics: how mass collaboratiob changes everything.** New York: Portfolio, 2006.

TASCHNER, G. Cultura do consumo, cidadania e movimentos sociais. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v.46, n.1, p. 47-52, jan./abr. 2010.

THE WORLD BANK. **Beyond economic growth.** Washington: WBI Learning Resources, 2004.

UNFPA – Fonds des Nations Unies pour la population. **État de la population modiale 2014.** Nova York, nov. 2014. Disponível em: [www.unfpa.org/resources/state-world-population-2014-press-summary](http://www.unfpa.org/resources/state-world-population-2014-press-summary)

WAVE. Cartographie de l'ingéniosité collective. **Wave, quand l'ingéniosité collective change le monde.** Paris. Disponível em: [http://www.wave-innovation.com/assets/files/wave\\_mindmap\\_FR\\_v2.pdf](http://www.wave-innovation.com/assets/files/wave_mindmap_FR_v2.pdf).